


“Gente, temos um gênio aqui”: a coconstrução da violência linguístico-discursiva em uma interação no *Twitter** /
“Guys, we have a genius here”: the co-construction of linguistic-discursive violence in an interaction on *Twitter*

Rodrigo Albuquerque*

É professor adjunto II no Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP) da Universidade de Brasília, credenciado ao Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL) da mesma instituição.

 <http://orcid.org/0000-0002-5279-4311>

Ana Luiza Nogueira Sousa**

Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pelo Instituto de Educação Superior de Brasília (2017). Graduanda em ABI - Letras - Português - Licenciatura pela Universidade de Brasília.

 <http://orcid.org/0000-0001-8824-4197>

Recebido em: 30 jun. 2022. **Aprovado em:** 06 ago. 2022.

ALBUQUERQUE, Rodrigo; SOUSA, Ana Luiza Nogueira. “Gente, temos um gênio aqui”: a coconstrução da violência linguístico-discursiva em uma interação no *Twitter*. *Revista Letras Raras*, v. 11, n. 3, p. 377-404, set. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8174625>

RESUMO

Neste trabalho, almejamos analisar de que modo dois internautas, a partir de uma postagem do Ministério da Saúde no próprio perfil do *Twitter*, utilizam, em sua argumentação, estratégias de impolidez na promoção de mútua violência linguístico-discursiva. No âmbito teórico, articulamos os estudos de (im)polidez, inscritos em domínios micro/linguístico, macro/sociodiscursivo e meso/sociointeracional, e os estudos da argumentação, com foco na argumentação erística, dada a sua intrínseca relação com a violência linguístico-discursiva. No âmbito metodológico, optamos por conduzir um estudo netnográfico, inscrito em uma episteme exclusivamente qualitativa, na seleção e na análise de textos relacionados a uma interação mediada on-line no *Twitter* que tivesse um caráter conflituoso e que discutisse a hidroxicloroquina como estratégia de tratamento precoce no combate ao COVID-19. No âmbito analítico, salientamos que, de modo geral, a impolidez se tornou gradativamente mais intensa entre o internauta e a internauta, instaurando-se uma argumentação erística, permeada por argumentos *ad hominem* e *ad personam*, na coconstrução de metapragmáticas de violência linguístico-discursiva. Acreditamos ser salutar que perfis institucionais possam instituir políticas de moderação de tais interlocuções, incentivando diálogos construtivos e agregadores.

* Esta produção acadêmica inscreve-se no projeto “Interações on-line em tempos de pandemia: violência linguístico-discursiva em gêneros textuais diversos”.

*

 rodrigo.albuquerque.unb@gmail.com

**

 assumnoqueira@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Impolidez; Argumentação; Violência linguístico-discursiva; Interação mediada on-line; Netnografia.

ABSTRACT

In this work, we aim to analyze how two internet users, based on a post by the Ministry of Health on their Twitter profile, use, in their arguments, impoliteness strategies to promote mutual linguistic-discursive violence. In the theoretical framework, we articulate the studies of (im)politeness, inscribed in micro/linguistic, macro/sociodiscursive and meso/sociointeraccional domains, and the studies of argumentation, focusing on eristic argumentation, considering its intrinsic relationship with linguistic-discursive violence. In the methodological framework, we chose to conduct a netnographic study, inscribed in an exclusively qualitative episteme. We selected and analyzed texts related to an online-mediated interaction on Twitter that had a conflicting character and that discussed hydroxychloroquine as an early treatment strategy in the fight against COVID-19. In the analytical framework, we emphasize that, in general, impoliteness became gradually more intense between the internet users, establishing an eristic argument, permeated by ad hominem and ad personam arguments, in the co-construction of metapragmatics of linguistic-discursive violence. We believe that it is beneficial for institutional profiles to institute policies to moderate such interlocutions, encouraging constructive and aggregating dialogues.

KEYWORDS: Impoliteness; Argumentation; Linguistic-discursive violence; Online-mediated interaction; Netnography.

1 Considerações iniciais

A violência linguístico-discursiva constitui “uma estratégia fundamental na orientação da argumentação discursiva” (ALBUQUERQUE *et al.*, 2021, p. 74), “com vistas a marcar uma posição, [...] marcar o pertencimento a um grupo com o qual o usuário se identifica” (CABRAL, 2019, p. 430) e, indiscutivelmente, agredir o/a outro/a. A argumentação, por sua vez, é construída por meio de enunciados que, de alguma forma, se modalizam – em um espectro que varia do mais mitigado (mais polido) ao mais intensificado (mais impolido) –, o que situa violência linguístico-discursiva e argumentação em uma relação marcadamente dialética. Frisamos, antes de tudo, que violência e impolidez não assumem entre si uma sinonímia pragmática, visto que aquela transcende esta (e esta é, portanto, a linha basal para a construção daquela). A violência traz perdas irreparáveis para os sujeitos e faz emergir vulnerabilidades no campo das relações interpessoais, as quais podem se relacionar a racismo, a capacitismo, a homofobia, a misoginia, a xenofobia, a gordofobia *etc.*

Ao mesmo tempo em que as redes sociais, como o *Twitter*, trazem aos/às seus/suas usuários/as “repercussões sociais importantes, que potencializam processos de trabalho coletivo, de troca afetiva, de produção e circulação de informações...” (PRIMO, 2007, p. 21), elas se tornam, com

frequência, “palco para discussões violentas, de fortes controvérsias nas quais imperam discursos agressivos, cujos movimentos são marcados pela desqualificação do outro como forma de defesa de um ponto de vista, logo também como estratégia argumentativa” (CABRAL, 2019, p. 423-424); e funcionam “como espaços virtuais ou praças virtuais (no sentido do fórum romano) onde as relações são desenvolvidas, compartilhadas e modificadas numa infinidade de conexões” (SEARA, 2021, p. 389). Ademais, a interação mediada on-line (THOMPSON, 2018) colabora, na troca intersubjetiva, para a emergência de cenários violentos, na medida em que oferece, segundo Thompson (2018), tempo e espaço estendidos, reduzido leque de pistas simbólicas, caráter dialógico, e interação de muitos/as para muitos/as.

Como exemplo de pesquisa no âmbito da violência linguístico-discursiva, situamos o trabalho de Moreira e Romão (2011), intitulado *O discurso no Twitter, efeitos de extermínio em rede*, que reuniu tweets publicados à época da apuração de votos das eleições brasileiras, em que a candidata Dilma Rousseff liderava o pleito no Nordeste, e internautas hostilizavam os/as nordestinos/as, incitando o assassinato desses/as brasileiros/as. Embora os estudos de impolidez não alcancem plenamente o que emerge em dados análogos aos da investigação de Moreira e Romão (2011), a teoria de (im)polidez pode ser o ponto de partida para não só mapearmos tais violências, mas, principalmente, para atuarmos no combate destas.

Para além do uso pessoal (pessoa física), as redes também se tornaram espaço de pessoas jurídicas, como órgãos governamentais, por meio das quais as instituições almejam finalidades diversas, seja para comunicar, seja para divulgar ações. Comumente, tais instituições, como é o caso do Ministério da Saúde, realizam uma espécie de monitoramento de suas mídias digitais, com a finalidade de “subsidiar a elaboração de políticas públicas, pois permite uma avaliação rápida e de baixo custo das opiniões, atitudes e sentimentos das pessoas, e permite a identificação de diferenças entre os diferentes grupos de cidadãos e também de líderes de opinião digitais” (SANTANA; SOUZA, 2017, p. 103). Nessa atividade avaliativa/opinativa, não são incomuns interações (im)polidas, em especial no contexto de pandemia do COVID-19, o que justifica a propositura de trabalhos acadêmicos que colaborem com a minimização de recursos linguístico-discursivos impolidos, de forma a promover debates menos violentos e mais agregadores, especialmente nos contextos digitais.

Frente a esse cenário, cujo potencial é, inegavelmente, violento, almejamos analisar de que modo dois internautas, a partir de uma postagem do Ministério da Saúde no próprio perfil do *Twitter*, utilizam, em sua argumentação, estratégias de impolidez na promoção de mútua violência linguístico-discursiva. Para tanto, este trabalho inscreve-se, no âmbito teórico, na interface da Sociolinguística Interacional com a Pragmática; e ancora-se, no âmbito metodológico, às recomendações netnográficas, sob o guarda-chuva de uma episteme exclusivamente qualitativa.

Na próxima seção, defenderemos que as estratégias de (im)polidez, para além de preservar/lesar a *face*, moldam metapragmáticas, que, na construção argumentativa erística, mitigam/intensificam cenários de violência linguístico-discursiva em interações mediadas on-line. Na sequência, explicitaremos o nosso enquadre metodológico – a Netnografia, de abordagem qualitativa – e os nossos procedimentos de pesquisa. Por fim, analisaremos a interação no *Twitter*, em convergência com os nossos princípios teórico-metodológicos.

2 @MINSAUDE: argumentação, impolidez e violência

Assim como anunciamos anteriormente, trataremos, aqui, da relação imbricada entre argumentação e (im)polidez, que permeia as interações mediadas on-line, das quais emergem metapragmáticas de violência linguístico-discursiva. Para tanto, dividiremos esta seção em três blocos, que visam a apresentar (i) como a argumentação se inter-relaciona com a (im)polidez; (ii) em que níveis de linguagem a (im)polidez pode se manifestar na construção argumentativa; e (iii) de que modo as estratégias de (im)polidez, argumentativamente orientadas, podem moldar, na interação, metapragmáticas de violência linguístico-discursiva no *Twitter*.

O ato de argumentar se associa à racionalidade e à influência, que, respectivamente, buscam um ideal de verdade e de persuasão (CHARAUDEAU, 2008). Similarmente, a racionalidade se associa à sanção (o (não) estabelecimento da verdade de dado enunciado); ao passo que a influência, à manipulação (a influência quanto a dever ou querer fazer/ser) (FIORIN, 2015). Todavia, argumentar não deve ser concebido de modo extremo e simplista, como lógicas de raciocínio (em uma vertente

racional) e como estratégias de sedução/persuasão (CHARAUDEAU, 2008). Neste primeiro bloco, discutiremos sobre a argumentação *lato sensu*, mas com especial atenção à argumentação erística, a qual se relaciona com a emergência de cenários de violência linguístico-discursiva.

Há, para Charaudeau (2008), três condições fundamentais para que se estabeleça a argumentação: (i) uma proposta sobre o mundo que provoque questionamento; (ii) um sujeito que se engaje e desenvolva um raciocínio na construção de uma *verdade*; e (iii) um *alvo* da argumentação – um outro sujeito – que poderá aceitar ou refutar a *verdade* compartilhada pelo/a outro/a. Sob essa ótica, uma proposta questionadora que inscreva sujeitos – locutor/a e interlocutor/a – em perspectiva intersubjetiva seria a condição *sine qua non* para a emergência do terreno argumentativo. A (im)polidez, por seu turno, se instauraria na construção conjunta (e inegavelmente argumentativa) de sentidos no curso da interação.

Em nossa visão, a dialética argumentação-(im)polidez se estabelece nas instâncias da interação, haja vista que (i) “... a argumentatividade é intrínseca à linguagem humana e [...], portanto, todos os enunciados são argumentativos” (FIORIN, 2015, p. 15); e (ii) as estratégias de (im)polidez são inerentes à manifestação linguageira, na medida em que estamos, a todo momento, modalizando a linguagem por meio de tais estratégias, que estão presentes em todos os enunciados (intrinsecamente argumentativos). Se “o ato de argumentar, isto é, de orientar o que se diz para determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental” (KOCH; ELIAS, 2016, p. 28), as estratégias de (im)polidez, negociadas no curso da interação, portam sentidos potenciais, que afetam o modo como essa orientação (argumentativa) dá-se.

Logo, não há como negar a forte associação entre (im)polidez e argumentação. A esse respeito, Plantin (2008), em referência ao modelo dialogal, situa ser comum que o desacordo argumentativo esteja associado a

tentativas de um dos interlocutores de tomar a palavra e recusa do outro a cedê-la; surgimento de sobreposição entre turnos de fala, aceleração da elocução, elevação do tom de voz; recusa a emitir reguladores, ou excesso irônico de sinais de aprovação; comportamento de parceiro não interpelado, não ratificado (“você é surdo, ou o quê?”); emissão de reguladores negativos, verbais ou não (balançar negativamente a cabeça, suspiros de impaciência, agitação) *etc.* (PLANTIN, 2008, p. 67-68).

A argumentação deve ser analisada, na ótica de Plantin (1998 [1996]), sob os parâmetros do objeto, da linguagem e da interação, visto que manipula os objetos e a relação entre tais objetos; assume restrições da linguagem em que se realiza; e constitui-se como processo interativo. Concernentemente ao último parâmetro, destacamos a argumentação sobre a pessoa (argumento *ad hominem*), cuja emergência dá-se quando a legitimidade de dado argumento é questionada e, no processo de refutação, é feita referência a atributos negativos do/a interlocutor/a, tanto para evidenciar a contradição deste/a quanto para promover ataque pessoal (PLANTIN, 1998 [1996]; WALTON, 1998). No último caso, também denominado ataque *ad personam*, Plantin (1998 [1996]) avalia se tratar de insulto, que, contrariando regras de cortesia, pode variar entre ironizar o/a interagente e referir-se a ele/a com termos negativos.

É nesse plano sociointeracional que situamos a argumentação erística, cujo “objetivo é ganhar a vitória verbal por qualquer meio” (WALTON, 1998, p. 178) na construção de um terreno de embaraço e de confusão, de modo que os/as interagentes tenham sua participação em dado diálogo dificultada ou ridicularizada (BENJAMIN, 1983). Historicamente, ela foi dissociada do conceito de argumentação, pelo fato de que “muitas vezes, o conflito não é amigo da lógica” (WALTON, 1998, p. 178). Contrariamente ao diálogo argumentativo, que trazia propósito sério e estabelecia um jogo, cuja disputa era legítima e dialética, o diálogo erístico abarcava propósito esportivo (ginástica mental ou exibição pública), recompensas monetárias ou psicológicas, e disputa ilegítima e erística (BENJAMIN, 1983). Relativamente ao nosso contexto de pesquisa, assumimos que,

em contextos de alta polarização política, como o que vivemos atualmente, não é difícil que uma interação sobre um tema sensível, cuja oposição discursiva esteja ancorada em posicionamentos políticos marcados, deslize de um diálogo persuasivo – orientado não só a levar o auditório a aderir a uma das posições considerando as razões apresentadas e escrutinadas, mas também a informá-lo sobre as múltiplas interpretações sobre um tema – para um diálogo erístico (AZEVEDO *et al.*, 2021, p. 2296).

Em capítulo totalmente dedicado ao diálogo erístico, Walton (1998) sintetiza cinco características desse tipo de argumento: (i) ataque pessoal truculento com o intuito de culpabilizar o/a

outro/a por meio de uso repetido, repentino ou irrelevante de argumentos do tipo *ad hominem*; (ii) recusa em admitir a derrota e busca pela vitória a todo custo; (iii) tentativa de, injustamente, fazer com que o posicionamento do/a outro/a pareça ruim; (iv) fuga ao tópico conversacional em desenvolvimento, por meio de uma sequência argumentativa aparentemente caótica, migrando para tópicos marginalmente relevantes; e (v) aparente pretensão de não promover o conflito, atribuindo a racionalidade a si e a intenção de embate ao/à outro/a.

Tais características se valem, muitas vezes, de estratégias de impolidez que, no curso de dada interação, geram a emergência de lutas metadiscursivas, que dizem respeito a embates/disputas (SILVERSTEIN; URBAN, 1996) capazes de moldar uma camada metapragmática, a qual consiste, no âmbito linguístico-discursivo e político-ideológico, “na descrição e na regulamentação dos usos linguísticos por grupos e indivíduos diferentemente posicionados em estruturas e redes sociais de poder e autoridade” (SIGNORINI, 2008, p. 119). Sob a argumentação de que “qualquer configuração linguística é potencialmente indexical” (SILVERSTEIN, 1979, p. 206), as metapragmáticas descrevem, avaliam, condicionam e orientam os usos da língua (SIGNORINI, 2008).

Logo, ao nos inscrevermos em interações fortemente argumentativas, como acreditamos ser o caso das interações no *Twitter*, estamos nos referindo a “um desacordo que [...] não é instantaneamente reparado no decorrer da interação em que surgiu; é tematizado na interação; pode ser levado para um lugar argumentativo específico...” (PLANTIN, 2008, p. 68). Esse lugar argumentativo, em nossa análise, é, com frequência, um lugar argumentativo do ataque pessoal, responsável por instaurar, a partir do uso de estratégias de impolidez, um cenário de violência linguístico-discursiva, o qual advém de interações recorrentemente marcadas por argumentação erística, que geram metapragmáticas de embaraço, de confusão e de ridicularização. Por esse motivo, daremos maior especificidade ao debate concernente à (im)polidez, dimensionando-a, a seguir, nos níveis micro (linguístico), macro (sociodiscursivo) e meso (sociointeracional).

No que diz respeito à (im)polidez, tópico do nosso segundo bloco, iniciamos pela ideia de que a polidez – e, em nossa visão, a impolidez – constitui um fenômeno universal, mas de manifestação sociocultural distinta (KERBRAT-ORECCHIONI, 2004, 2017). Avaliamos que o pensamento da autora (2004, 2017), mesmo que sem esse propósito, marque, em um primeiro momento, estudos de (im)polidez situados na primeira onda (LAKOFF, 1973; LEECH, 1983; BROWN; LEVINSON, 1987;

CULPEPER, 1996), que focalizam um domínio linguístico/micro e pancultural/universal; e, posteriormente, estudos de (im)polidez inscritos na segunda (EELEN, 2001; MILLS, 2003; WATTS, 2009 [2003]) e na terceira (HAUGH, 2007; GRAINGER, 2011; CULPEPER, 2011; KÁDÁR; HAUGH, 2013) ondas, que inscrevem a (im)polidez em um domínio, respectivamente, sociodiscursivo/macro e sociointeracional/meso. Em nossa visão, o termo *onda* dá visibilidade a três marcos epistêmicos sócio-historicamente motivados e, por conseguinte, a três níveis de manifestação da (im)polidez.

Nos estudos de primeira onda, o conflito entre ser polido/a e ser claro/a perpassa os trabalhos de Lakoff (1973), com a propositura de três regras de polidez (não seja impositivo/a, ofereça opções e faça com que o/a outro/a se sinta bem – seja amigável); e de Leech (1983), com a elaboração de seis máximas vinculadas ao Princípio de Polidez (Máximas do Tato, da Generosidade, da Aprovação, da Modéstia, do Acordo e da Simpatia). Brown e Levinson (1987), valendo-se da noção goffmaniana de face – “valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os/as outros/as pressupõem que ela assumiu durante um contato específico” (GOFFMAN, 1967, p. 5) – propuseram cinco macroestratégias de polidez, que variam em um contínuo de maior/menor ameaça (ameaçar sem reparo; ameaçar com reparo por polidez positiva (ações que valorizam a face positiva); ameaçar com reparo por polidez negativa (ações que valorizam a face negativa); ameaçar indiretamente e não ameaçar). Culpeper (1996), por fim, transpôs as macroestratégias de Brown e Levinson (1987) para o território da impolidez.

Nos estudos de segunda onda, imperava o desejo de combater, em relação à primeira onda, investigações pouco empíricas, com exemplos descontextualizados (GRAINGER, 2011); o caráter universalista e, portanto, pouco sociocultural e discursivo (EELEN, 2001); análises exclusivamente conduzidas pelos/as pesquisadores/as – sem que se considerasse a avaliação do/a participante de pesquisa (EELEN, 2001; WATTS, 2009 [2003]; GRAINGER, 2011); e a visão reducionista de cultura e de contexto (EELEN, 2001; CULPEPER, 2011). Em nossa análise, a grande contribuição dos estudos de segunda onda advém da concepção de (im)polidez forjada nas lutas sociais/discursivas (WATTS, 2009 [2003]; CULPEPER, 2011), que, para Haugh e Culpeper (2018), são mais relevantes do que as avaliações relativas à (in)adequação. Apesar do inegável (e salutar) giro epistêmico, o empreendimento sociodiscursivo, ao focalizar a dimensão macro, negligenciou por completo a dimensão micro (HAUGH, 2007; GRAINGER, 2011; BLITVICH; SIFIANOU, 2019); reificou a voz

dos/as participantes de pesquisa (HAUGH; CULPEPER, 2018) e previu um modelo de comunicação do tipo codificação-decodificação (HAUGH, 2007).

Nos estudos de terceira onda, a interação se tornou, por excelência, o *locus* da manifestação da (im)polidez (HAUGH; CULPEPER, 2018) não só por integrar os domínios linguístico/micro e sociodiscursivo/macro (GRAINGER, 2011; CULPEPER, 2011), mas, principalmente, por instanciar a (im)polidez nas práticas sociais (KÁDÁR; HAUGH, 2013), prevendo uma implicatura de (im)polidez negociada no curso da interação, com base nas expectativas interlocutivas (HAUGH, 2007). Em outras palavras, tais estudos rompem com dicotomias que se estabeleceriam pelas “... dimensões micro x macro, universal x cultural, ético xêmico, linguístico x social, cotextual x contextual, frástica x discursiva...” (ALBUQUERQUE *et al.*, 2021, p. 71); e congregam estratégias [argumentativas] de (im)polidez, que podem gerar metapragmáticas de desvalorização, de deslegitimação, de invasão territorial e de violência linguístico-discursiva.

Chegando ao terceiro (e último) bloco, traremos aqui algumas constatações dessa convergência teórica que propusemos, almejando frisar a proximidade epistêmica entre (im)polidez e argumentação na construção de metapragmáticas de violência linguístico-discursiva. A (im)polidez funciona como recurso estratégico no processo argumentativo, mais diretamente como recurso estratégico de argumentação erística, que engloba argumentos *ad hominem* e *ad personam*. Essas cadeias argumentativas são mobilizadas, no *Twitter*, por meio de comentários, que, consoante Seara (2021, p. 388), consistem em

lugar de diálogo, de sugestão, de discussão, de exegese, de interpelação, de manifestação de pontos de vista e de argumentos, instaurando quer relações convergentes e divergentes com o texto-fonte ou com os comentários subsequentes, quer, ainda, como espaço de apagamento enunciativo.

É a partir dos comentários que os/as interagentes produzem “um texto co-constuído, argumentativamente orientado, no qual eles expõem pontos de vista, constroem identidades, ora aproximando-se dos demais usuários, ora marcando a diferença em relação a eles...”, [...] e, para além da manifestação de discordância, assumem – nesse jogo argumentativo/discursivo – uma identidade de grupo (CABRAL, 2019, p. 430). Ao assumirem dada identidade grupal, tais usuários/as se projetam

ideologicamente nas redes sociais, formando, comumente, disputas metadiscursivas que não só fazem emergir metapragmáticas de deslegitimação, de desvalorização, de insulto e de violência linguístico-discursiva, mas também regimentam a bipolarização político-partidária na *web*.

3 @MINSAUDE: uma netnografia no *Twitter*

Nosso estudo se inscreve em uma abordagem exclusivamente qualitativa, a qual, segundo Chizzotti (2000, p. 79), fundamenta-se “[n]a dinâmica entre o mundo real e o sujeito, [n]a interdependência viva entre o sujeito e o objeto, [n]o vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”, o que nos possibilita conceber que o/a colaborador/a de pesquisa seja sujeito-observador que interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes significado; e que o objeto de estudo não seja um dado inerte e neutro, mas repleto de potenciais sentidos. Tal episteme, ainda, abarca “um conjunto de práticas materiais interpretativas que tornam o mundo visível” (DENZIN; LINCOLN, 2013, p. 6), possibilitando-nos compreender “o significado que as pessoas construíram” (MERRIAM; TISDELL, 2016, p. 15) em dada investigação.

Desse enquadre epistêmico, interessa-nos frisar, para fundamentar a nossa afiliação, (i) o foco no processo, na compreensão e nos sentidos (MERRIAM; TISDELL, 2016); (ii) sua perspectiva “exploratória, fluida e flexível, orientada para os dados e sensível ao contexto” (MASON, 2002, p. 24); (iii) a possibilidade de se realizar “... uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível...” (CHIZZOTTI, 2003, p. 221); e (iv) a inscrição de um/a pesquisador/a que assuma uma postura questionadora, tenha alta tolerância para a ambiguidade, seja um/a observador/a cuidadoso/a, faça boas perguntas, pense indutivamente e sinta conforto em uma escrita que se fundamente em palavras (e não em números) (MERRIAM; TISDELL, 2016). Ter acesso às interações mediadas on-line no *Twitter* significa ter acesso às construções intersubjetivas dos/as internautas, o que nos possibilita, em certa medida, partilhar a experiência de campo com tais atores/atrizes sociais.

Sob bases epistêmicas qualitativas, valemo-nos da netnografia, que, antes de tudo, deriva da etnografia, ao preservar, como princípio, a ideia de descrição de grupos humanos no que tange às suas instituições, aos seus comportamentos interpessoais, às suas produções materiais e às suas crenças (ANGROSINO, 2009). Além de se constituir como “forma especializada de etnografia adaptada às contingências específicas dos mundos sociais de hoje mediados por computadores” (KOZINETS, 2014, p. 9-10) e de conjugar “descrição, transcrição e inscrição densas” (KOZINETS, 2021, p. 8), a netnografia a que nos vinculamos é de cunho político. Assim como Villegas (2021, p. 104), perspectivamos “a netnografia política como uma subcategoria da netnografia que se concentra no estudo de questões políticas afetadas ou afetando as mídias sociais”.

Ao encontro da perspectiva (n)etnográfica política, de abordagem qualitativa, adotamos os seguintes procedimentos de pesquisa: (i) escolhemos o perfil institucional do Ministério da Saúde no *Twitter*, por ser o canal que, com frequência, traz informações relativas a políticas públicas no combate à disseminação do COVID-19; (ii) estabelecemos, em alinhamento com o objetivo de nossa pesquisa, o critério de inclusão, que seria a seleção de interações conflituosas que discutissem a hidroxicloroquina como estratégia de tratamento precoce no combate ao COVID-19; (iii) pré-selecionamos, a partir do critério anteriormente estabelecido, postagens com abrangência temporal entre 2020-2021; (iv) selecionamos, entre as postagens pré-selecionadas, uma única postagem do Ministério da Saúde que desencadeasse uma interação permeada por ofensa verbal entre dois/duas usuários/as, que, de algum modo, fizesse alusão às suas afiliações político-partidárias; (v) reunimos outros textos que se relacionavam com a postagem do Ministério da Saúde, como a transcrição de uma entrevista de Nelson Teich (à época, Ministro da Saúde); (vi) geramos um *Portable Document Format* (PDF) com o conjunto de textos a ser analisado na próxima seção (postagem do Ministério da Saúde, transcrição da entrevista e interlocução dos/as internautas); (vii) mapeamos recursos linguístico-discursivos mais/menos violentos que permearam esse conjunto de textos; e (viii) analisamos os recursos linguístico-discursivos nos textos, sob a ótica do conjunto teórico já apresentado e sob as orientações metodológicas aqui tratadas.

Embora seja possível o entendimento de que nossa pesquisa envolva seres humanos, Kozinets (2010, p. 142) destaca que “analisar as comunicações da comunidade ou da cultura on-line ou os seus arquivos não é pesquisa de sujeitos humanos, se o/a pesquisador/a não registrar a

identidade dos/as comunicadores/as”. De todo modo, esse pressuposto não nos exime da tarefa de trazer alguns esclarecimentos de ordem ética. Graham e Hardaker (2017), no artigo *(Im)politeness in Digital Communication*, advertem que o discurso público, decorrente da exposição em fóruns on-line públicos, é passível de ser examinado por qualquer pessoa, o que inclui pesquisadores/as. Myers (2010), por sua vez, considera que a questão deva ser relativizada, na medida em que mensagens públicas de uma rede de apoio sobre condições médicas, por exemplo, talvez não deveriam ser analisadas, ao contrário de mensagens públicas de internautas, em que estes/as têm a expectativa de serem lidos/as e, de algum modo, de serem avaliados/as.

Além desses aspectos, Graham e Hardaker (2017) afirmam que as redes sociais, em geral, possibilitam a construção do anonimato, de modo a garantir a privacidade dos/as usuários/as, o que supostamente faz com que pesquisas, como a nossa, não tragam riscos aos/às participantes, visto que o anonimato protege os dados. Em suma, os autores (2017, p. 803) entendem que “a natureza pública do discurso e a presença do anonimato oferecem proteção ao indivíduo em uma escala móvel, e que cada meio deve ser examinado separadamente para avaliar o grau de publicidade e o grau de anonimato”. Portanto, assumimos que a publicidade dada pelos/as autores/as das mensagens que integram o nosso *corpus* (postagens públicas e abertas), o contexto da interação (incluindo o assunto das mensagens) e o completo anonimato das identidades são aspectos que fundamentam a nossa condução metodológica.

4 @MINSAUDE: a impolidez na coconstrução da violência

Nesta seção, analisaremos a interação estabelecida pela @InteragenteA e pelo @InteragenteB, a qual é oriunda de uma postagem do Ministério da Saúde publicada em maio de 2020 e motivada pela entrevista referenciada na própria postagem. A @InteragenteA, em resposta à postagem do órgão, suscitou outras interações, mas focalizaremos sua troca de *tweets* com o @InteragenteB, por terem produzido um diálogo mais duradouro e com maior densidade de estratégias de impolidez. Nossa análise engloba, na sequência, (i) a postagem do Ministério da Saúde

(Figura 1), cujo assunto principal era a abordagem precoce na redução da criticidade do COVID-19 e na consequente redução de uso do sistema de saúde; (ii) a entrevista em que Nelson Teich defendeu o uso de oxigênio em alto fluxo; e (iii) a interação dos/as internautas, que foi motivada por uma dissonância da @InteragenteA em relação à defesa do ministro, tendo em vista que ela não recomendava o aumento do fluxo de oxigênio, mas sim a prescrição de medicações que, em sua visão, eram eficazes.

Figura 1: Postagem do Ministério da Educação.

Ministério da Saúde
@minsaude

Antecipar o cuidado de quem está com [#coronavírus](#) pode diminuir a evolução da doença para uma fase mais crítica da doença, além de reduzir a necessidade de UTIs, ventilação mecânica e aliviar os sistemas de saúde, aumentando a capacidade de cuidar dos brasileiros.
[@TeichNelson](#)

Abordagem precoce da doença pode reduzir sua evolução para uma fase mais crítica.

“
é a forma da gente abordar. Então, uma revisão de como está sendo feita a abordagem do diagnóstico, do começo do tratamento.
”

Nelson Teich
Ministro da Saúde

0:38 26,6 mil visualizações

Ministério da Saúde

10:23 PM · 11 de mai de 2020 · Twitter Ads

152 Retweets 20 Tweets com comentário 964 Curtidas

Fonte: Twitter (2020).

Mesmo que uma conta no *Twitter* possa inspirar informalidade e debates com opiniões genéricas, é inegável que postagens vinculadas à conta do Ministério da Saúde, por seu enquadre institucional, nos gere uma expectativa de que o conteúdo gire em torno de sugestão, de conselho, de advertência e, em alguma medida, de injunção (mesmo que mitigada). Ainda que o tom da postagem

traga, em princípio, uma finalidade de informar, há, sem dúvida, uma construção argumentativa que intenciona persuadir o/a interlocutor/a sobre dado assunto. Com base nessa linha de pensamento, avaliamos que, dado o contexto da postagem, se espera, para além da formalidade, o uso de estratégias de polidez, como constatamos (i) no uso do imperativo com verbo conjugado no infinitivo (em *antecipar*) e (ii) na mitigação com as perífrases no infinitivo (em *pode diminuir, reduzir, aliviar e pode reduzir*).

Ao utilizar *antecipar*, em vez do imperativo prototípico *antecipe*, é provável que o intuito tenha sido mitigar a injunção – e, por conseguinte, trazer uma nuance mais polida à postagem. O imperativo direto, que ocorre “... quando o locutor ocupa uma posição socialmente superior ao interlocutor...”, pode se manifestar linguisticamente por verbos conjugados “... no gerúndio ou no infinitivo, usados sozinhos ou em perífrases...” (CASTILHO, 2012, p. 327). Em nossa perspectiva, o uso de enunciados imperativos, em suas diversas formas linguísticas, está atrelado a um expediente, na verdade, linguístico-discursivo, dado que as escolhas dos/as interlocutores/as, as quais se associam a dado gênero discursivo, se dão em instâncias interacionais de uso de linguagem. Neste caso, o uso do infinitivo traz um tom de advertência/sugestão do órgão aos/às internautas.

No que tange às perífrases mitigadas, frisamos, antes de tudo, ter havido mitigações explícitas (*pode diminuir e pode reduzir*) e mitigações implícitas, em que o verbo *poder* esteve elíptico (*reduzir e aliviar*). Em ambos os casos, o verbo *poder* assumiria o papel de mitigar a ação expressa pelo verbo principal, conferindo ao texto uma ideia de incerteza, conforme previu Castilho (2012). Entretanto, não se trata, literalmente, de incerteza, mas de relativização da asserção, já que generalizar tanto seria incoerente (dado não ser uma *garantia* de que antecipar cuidados traria todos esses desdobramentos) quanto poderia fomentar debates inflamados na tentativa de desconstruir um argumento generalista. Ou seja, o comprometimento de quem enuncia – neste caso, o Ministério da Saúde – seria menor com tal relativização, o que reduziria, potencialmente, as críticas dirigidas ao órgão.

A interação da @InteragenteA e do @InteragenteB está representada na Figura 2. Na sequência, as postagens serão transcritas com ajustes nas questões gráficas e morfossintáticas, assim como nas abreviações, para garantir melhor inteligibilidade (Quadro 1).

Figura 2: Interação da @InteragenteA e do @InteragenteB (captura de tela).



Fonte: Twitter (2020).

Quadro 1: Interação da @InteragenteA e do @InteragenteB.

Comentário 1 @InteragenteA	1 2 3	Não min @TeichNelson, volume alto de O2 não adianta, piora, pois a microcoagulação não deixa os alvéolos captarem este aporte. Trata com HCQ+Azitromicina+Zinco precoce, se evoluir Metilprednisolona. Por favor ministro, vamos salvar vidas!!!
Comentário 2 @InteragenteB	4 5	Gente temos um gênio aqui! Rápido, façam esse tweet chegar à OMS! Pois pelo jeito só aqui sabemos dessa "cura"
Comentário 3 @InteragenteA	6 7 8	Você já ouviu falar em ESTUDOS CIENTÍFICOS? Pois é, se você ousasse recrutar mais neurônios, além do tico e o teco, se é que há mais neurônios por aí, saberia que já há tratamento eficaz. Agora você só quer lacrar, keep going, I really don't care!!
Comentário 4 @InteragenteB	9 10	Por que vários lugares do mundo já descartaram a hidroxicloroquina como tratamento então? Será que querem deixar o povo sofrendo? Ou você quer porque o "mito" falou que é eficaz?
Comentário 5 @InteragenteA	11 12	Ó filho, passa vergonha não... deixa de seguir o tocador de trombeta do apocalipse e retuitá-lo. Veja se seus dois neurônios conseguem decifrar este estudo aqui [link]
Comentário 6 @InteragenteA	13	Se esforce um pouquinho mais e leia estas matérias aqui! [link]
Comentário 7 @InteragenteA	14 15 16	Se a Itália há um tempo atrás era modelo a ser seguido em isolamento, cantoria nas varandas e tal, me diga porque hoje, que faz o tratamento precoce com hidroxicloroquina, [ela] sumiu do noticiário no Brasil? [link]
Comentário 8 @InteragenteB	17 18 19	Mimimi 2 neurônios. Os gado do Bolsonaro só sabem falar isso. Estimulem mesmo os idiotas a tomarem esse remédio e sofrerem problemas cardíacos e tirem o medicamento de quem precisa
Comentário 9 @InteragenteA	20 21 22 23	Ahhhh puta que pariu, traga argumentos. Esse papo de gado já cansou e não cola. Gado assumido sano, vocês que estando no caminho do abismo por pura birra! Você sabe que existem medicamentos que tratam arritmias e que elas não são mortais? Tô com vergonha da sua burrice explícita! Se enxerga idiota

Comentário 10 @InteragenteA	24 25 26	Quando chegar a sua vez, vou esperar o agravamento do quadro e te colocar na Ventilação Mecânica com Volume Corrente bem alto e PEEP baixo, assim você vai de encontro ao capeta mais rápido!!
Comentário 11 @InteragenteA	27 28 29 30	Foi exatamente isso que fizeram seus camaradas comunistas que se dizem médicos no Amazonas, ao administrar 12g de substância análoga à hidroxicloroquina, sendo que a bula referente 2,5g de dosagem máxima. Legal, né? Sabe por quê? Por birra, não gostam do gado e do Bozogro. Acho que posso fazer o mesmo, concorda?
Comentário 12 @InteragenteB	31 32	Que comunista? Kkkk eu votei no Bolsonaro, mas tenho decência e bom senso de ver que ele tá sendo um imbecil e já deveria ter sido expulso da presidência
Comentário 13 @InteragenteA	33 34 35	Você pode votar em quem quiser, isso não me diz respeito. Suas palavras só deixam explícito o quão raso você é. Melhor não palpar sobre o que não sabe, não entende. A cada resposta fico com mais vergonha de você!!

Fonte: Twitter (2020).

Como o primeiro comentário – entre as linhas 1 e 3 – fez referência à fala do ministro no vídeo publicado no *post* do Ministério, faremos, a seguir, sua transcrição e sua análise. O vídeo em questão traz um trecho de uma entrevista concedida pelo então Ministro da Saúde, Nelson Teich.

O que tem acontecido de novo, mas, talvez até mais novo, mais importante do que os medicamentos, é a forma da gente abordar. Então uma revisão de como está sendo feita a abordagem do diagnóstico, do começo do tratamento. Você classifica a pessoa, começa tratamentos com o oxigênio em alto fluxo, pode tentar a ventilação não-invasiva. É possível que a gente trabalhando, abordando a doença em um momento mais precoce, que a gente reduza a evolução para a fase mais crítica. Com isso, a gente não só salva mais gente, mas, também, consegue diminuir a necessidade de UTIs, ventilação mecânica, o que seria um grande alívio para o sistema, e ao mesmo tempo em que você aumenta a capacidade de cuidar (TWITTER, 2020).

Diferentemente da postagem do Ministério da Saúde, em que a mitigação das ações sugeridas (*antecipar, pode diminuir, reduzir, aliviar e pode reduzir*) ocorre em todo o texto, a declaração de Nelson Teich trouxe uma mescla de ações mitigadas e de ações intensificadas. No início de seu texto, o ministro prescreveu alguns comportamentos, intensificando-se, assim, a injunção, ao afirmar que (i) a forma de abordar é mais importante que os medicamentos; (ii) a abordagem no momento de atribuir o diagnóstico deve ser revisada; e (iii) os profissionais de saúde devem classificar as pessoas e titular oxigênio em alto fluxo, com mínima mitigação pelo uso do *talvez* (na primeira linha). Na sequência, ele transpôs a argumentação para o campo das possibilidades (e, por esse motivo, mitigou e reduziu

seu compromisso com o dito), ao (iv) sugerir o uso de ventilação não invasiva; e (v) aventar uma série de ações possíveis a partir da estrutura *é possível que*: o trabalho (abordar a doença em um momento mais precoce) poderia reduzir a evolução da doença, salvar mais pessoas, diminuir as internações em UTIs, reduzir o uso de ventilação mecânica, aliviar o sistema e aumentar a capacidade de cuidar. Passemos, então, para a interação da @InteragenteA e do @InteragenteB.

No primeiro comentário da @InteragenteA, observamos que ela manifestou claramente sua discordância quanto às ações adotadas pelo Ministro da Saúde. De modo impositivo, ela iniciou com afirmações que, em tese, se pautavam em um argumento de autoridade, dado que sua interlocução estava permeada de termos técnicos (entre as linhas 1 e 3) e propôs, com o uso de verbo no modo imperativo – *trata* (à linha 2) – uma atitude diferente da adotada pelo ministro. Tal imposição foi mitigada pelo uso de *Por favor*, à linha 3, com a provável finalidade de preservar a face negativa do interlocutor (territorialidade), e pelo emprego do verbo *ir* na primeira pessoa do plural (*vamos*), à linha 3, como expressão de solidariedade (aproximação interlocutiva) e de divisão de responsabilidade com o ministro.

Com o uso de estratégias de polidez, a @InteragenteA pareceu reconhecer a assimetria na relação com o Ministro da Saúde, valendo-se de recursos de mitigação. Entretanto, nem por isso deixou de se aproximar dele, tanto pela sensação de intimidade que a interação mediada on-line pode promover quanto pela construção de sua identidade, ao longo de sua argumentação, como alguém que, provavelmente, teria formação na área médica e, portanto, teria legitimidade para discorrer sobre a temática. Além de trazer um argumento de autoridade, a @InteragenteA buscou construir um diálogo argumentativo/persuasivo, já que pareceu estar alinhada ao propósito de estabelecer uma interlocução quanto à temática que ela acabara de sugerir: o tratamento precoce pelo uso de hidroxiquina em associação a outros fármacos.

Embora esse primeiro comentário tenha sido dirigido ao Ministério da Saúde e ao ministro, o @InteragenteB reagiu. No segundo comentário, pudemos identificar o uso de estratégias de impolidez, por meio do adjetivo *gênio* (à linha 4), claramente irônico no contexto, com o intuito de ridicularizar o comentário da @InteragenteA e de atacar a sua face positiva, em notório alinhamento à argumentação erística e ao desacordo argumentativo, haja vista o ataque pessoal/truculento e a tentativa de ridicularização em um meio em que a interação é de muitos/as para muitos/as. O uso do recurso

extralinguístico (as aspas) trouxe explícito indício dessa ironia, por não se tratar de uma enunciação literal, em que o elogio, se fosse verdadeiro, funcionaria como recurso de polidez positiva (elogiar à face da interlocutora), mas funcionava como estratégia de impolidez positiva, com ameaça à face positiva, com o objetivo de ridicularizar, deslegitimar a @InteragenteA e, segundo Culpeper (1996), promover, por meio dessa falsa polidez, uma desarmonia social.

Além disso, o exagero no pseudoelogio – *Rápido, façam esse tweet chegar à OMS!* (à linha 4) – fortaleceu o caráter irônico do comentário feito, na medida em que construiu uma falsa demonstração de solidariedade e de compromisso com a ideia da @InteragenteA. Na sequência, a passagem *só aqui sabemos dessa “cura”*, à linha 5, indicava que o pensamento expresso pela @InteragenteA trazia, na concepção do @InteragenteB, duas pseudoideias: o *post* precisava ser levado a conhecimento de outras pessoas e a partilha de uma receita que traria a cura. Nesse sentido, o texto manteve seu caráter irônico, ao desvelar que a informação era completamente falaciosa e que, por essa razão, as pessoas não teriam a cura.

Até este ponto, notamos que já havia indícios de impolidez, os quais, pela configuração da interação (comentários em sequência em torno de um tema polêmico), tenderiam a se potencializar, por meio de argumentos *ad hominem* (destaque a atributos negativos da @InteragenteA) e, mais ainda, *ad personam* (ironizando a figura da @InteragenteA). Culpeper (1996) adverte que, com frequência, a ironia adquire um caráter de diversão/comédia, razão que o motivou a dar preferência ao termo sarcasmo, por, claramente, marcar o oposto da brincadeira: a falsa polidez que promove desarmonia social. Destacamos, ainda, que, no contexto de nossa pesquisa, a ironia – em caráter progressivo (dado que o teor irônico aumentará gradativamente na análise em curso) – não só promoveu desarmonia social, mas, principalmente, agudizou lutas metadiscursivas e instaurou metapragmáticas de violência linguístico-discursiva, diferentemente de outros contextos, como em Mills (2003), que poderia funcionar para resolver conflitos e minimizar a tensão intersubjetiva.

Vimos, no terceiro comentário, que o contra-argumento foi construído, igualmente, por enunciados irônicos, intensificando-se a deslegitimação ao outro – o @InteragenteB. Assim como já mencionamos, o conteúdo presente no primeiro comentário nos fez suspeitar de que a @InteragenteA tivesse uma formação na área de saúde. Logo, ao questionar *você já ouviu falar em ESTUDOS CIENTÍFICOS?*, à linha 6, ela ameaçou a face positiva do @InteragenteB e deslegitimou, por

completo, seus conhecimentos acerca do tema em debate. Paralelamente a essa pergunta retórica, a ironia ganhou ainda mais relevo tanto com a construção de um terreno de embaraço, de confusão e de ridicularização quanto com os insultos dirigidos à capacidade intelectual do outro.

Isto é, além de ironizar, @ InteragenteA fez referências ao @InteragenteB por meio de associações de cunho negativo, tais como em *se você ousasse recrutar mais neurônios, além do tico e o teco* (às linhas 6 e 7) e em *agora cê só quer lacrar* (linha 8). Quanto ao primeiro, salientamos o verbo *ousar*, que faz, ironicamente, alusão à ideia de coragem/desafio; a expressão *recrutar mais neurônios*, que faz explícita menção à incapacidade intelectual do @InteragenteB; e a expressão pejorativa *tico e teco*, que, com um uso marcadamente cultural, faz referência a um desenho animado da Disney com dois esquilos atrapalhados (que, na versão brasileira, se chamavam Tico e Teco). Quanto ao segundo, frisamos a expressão *só quer lacrar*, que traria a ideia de que o @InteragenteB só tinha interesse em fazer sucesso nas redes sociais com a polêmica por ele instaurada, e não em construir um debate, na opinião da @InteragenteA, plausível. A luta metadiscursiva empreendida girava em torno da (des)legitimidade, que, por sua vez, propiciava a formação de metapragmáticas (des)valorizadoras e violentas.

No quarto comentário, o @InteragenteB fez, entre as linhas 9 e 10, três perguntas retóricas, cujo intuito, conforme o próprio termo revela, não seria encontrar respostas, mas enfatizar sua própria ideia, discordando do que foi dito pela @InteragenteA anteriormente. As perguntas ilustram um gradiente de um diálogo mais argumentativo (persuasivo, informativo, legítimo e dialético) a um diálogo mais erístico (recreativo, disputa deslegitimadora, ilegítimo e erístico), na medida em que provocou a reflexão quanto ao cenário mundial (primeira pergunta); fez, ao mesmo tempo, um questionamento relativo ao cenário mundial, mas trouxe uma crítica indireta à @InteragenteA de que perpetuar esse pensamento poderia potencializar esse sofrimento (segunda pergunta); e insultou a interlocutora, por meio de estratégia de impolidez negativa, dado que a necessidade da face negativa (preservação territorial) seria a de impessoalizar os/as interagentes.

A partir dessa gradação – argumentativo/erístico –, imaginamos que a última pergunta tenha consagrado uma tréplica à violência linguístico-discursiva vivenciada (em especial, no terceiro comentário) por meio de um ataque pessoal e truculento, que visou tanto à culpabilização (mesmo que indiretamente) da interlocutora quanto à sua associação a termos de cunho negativo, como foi o

caso do uso de *o mito* (à linha 10), termo irônico frequentemente utilizado para se referir a Jair Bolsonaro. Chama a atenção o substantivo ter sido precedido por determinante definido, com clara alusão ao atual presidente, e ter sido grafado entre aspas, com explícita (e irônica) insinuação de que não se tratava, de fato, de alguém com notoriedade (para ser considerado mito), construindo-se o sentido co(n)textual de que a @InteragenteA se afiliava aos ideais do atual presidente, que, apesar de não ter qualquer formação médica, era tido como o principal defensor do uso da hidroxiquina como medida de combate ao COVID-19.

Diante das perguntas dirigidas a alguém que, em tese, teria certa experiência na área da saúde e, pela defesa até aqui feita, se afiliava ao posicionamento do atual presidente, a @InteragenteA deslegitimou, com impolidez, os questionamentos do @InteragenteB (quinto comentário), ao ter associado a fala dele tanto ao desconhecimento absoluto do assunto em debate, na passagem *passa vergonha não* (à linha 11), quanto à alienação explicitada pela repetição irrefletida de discursos anteriores, em *deixa de seguir o tocadour de trombeta do apocalipse*[†], o que culminou, à linha 12, na reiteração de que o @InteragenteB teria dois neurônios e na provocação de que estes (não) conseguiriam decifrar o estudo ao qual a @InteragenteA se referia no *link* disponibilizado por ela. Consideramos, neste ponto, que a interação chega a um dos ápices de argumentação erística – *ad hominem* e *ad personam* –, por meio de estratégias indiretas de ironia na construção de metapragmáticas de violência linguístico-discursiva, por – para além de congregação (des)legitimação, (des)valorização, ridicularização e ataques/insultos – reunir as cinco características apontadas por Walton (1998) sobre o diálogo erístico: ataque/culpabilização; recusa da derrota e vitória a qualquer custo; desconstrução do pensamento do/a outro/a; fuga ao tópico conversacional para gerar embaraço/confusão; e tentativa de atribuir a racionalidade para si e o embate para o/a outro/a.

No sexto comentário, ela permaneceu utilizando estratégias de impolidez positiva, ao conduzir sua argumentação (erística) em torno da ideia desvalorizadora e deslegitimadora de que o @InteragenteB precisaria se esforçar – por não ter capacidade intelectual para debater – para compreender a importância do tratamento precoce (à linha 13). Ao mesmo tempo, a @InteragenteA intensificou a imposição por meio do uso do imperativo, em *esforce* e em *leia* (à linha 13), como

[†] Entendemos ter sido essa referência ao perfil no *Twitter* de Átila Marinho.

estratégia de impolidez negativa; e a ironia por meio do diminutivo em *pouquinho*, como estratégia indiretiva de impolidez (à linha 13), visto que “práticas sociais constituídas com o uso do sufixo *-inho* podem indicar [...] ironia” (BRANDÃO, 2010, p. 74) e, nesse caso, indicam, de modo irônico, que o esforço não seria intenso para alguém que, em sua visão, teria apenas dois neurônios.

No sétimo comentário, ela sugeriu ter havido seletividade por parte da mídia quanto às informações veiculadas, dado que a Itália, até então noticiada nos jornais brasileiros, teria desaparecido da mídia por passar a defender o tratamento precoce, dando, em sua perspectiva, a falsa impressão de que o mundo teria descartado o uso da hidroxicloroquina (entre as linhas 14 e 16). Embora a @InteragenteA tenha, momentaneamente, interrompido o uso de argumentos *ad hominem* e *ad personam*, houve discreta flutuação temática na argumentação em curso e tentativa de deslegitimar uma prática social de outra cultura, em *cantorias na varanda e tal* (linhas 14 e 15), o que fez com que sua argumentação migrasse para tópicos conversacionais irrelevantes (WALTON, 1998) e insinuasse ser a prática social (do/a outro/a) ruim, mantendo-se, assim, traços erísticos. Mesmo ainda tratando da hidroxicloroquina, seu foco incidia na ideia de que a mídia manipulava informações – veiculando o desimportante e omitindo o importante –, o que colaborava para que algumas pessoas, incluindo o @InteragenteB, pensasse que a medicação era ineficaz.

No oitavo comentário, o @InteragenteB utilizou, em sua defesa, a expressão *mimimi 2 neurônios* (à linha 17), com a provável finalidade de não só criticar a insistência da @InteragenteA em insultar sua inteligência (terceiro e quinto comentários) – uma vez que *mimimi* seria empregado para “deslegitimar um ato de fala prévio ou potencial – buscando controlar o futuro enquadre de avaliação metapragmática ou projetá-lo desde antes de sua realização como ilegítimo” (PINTO, 2019, p. 223) –, mas, principalmente, insultar a interlocutora (e todos/as aqueles/as que partilham dos mesmos ideais) por sua incapacidade de conduzir um diálogo argumentativo/persuasivo (foco no debate), dada a predileção por ofender e *fugir do debate*, traços típicos de um diálogo erístico (foco na exibição pública). Esse enquadre se estendeu em *gado do Bolsonaro só sabem falar isso* (à linha 17), com crítica explícita à insistência na defesa do tratamento precoce, cabendo destacar o uso de *gado*, um insulto dirigido não só à @InteragenteA, mas também a todos/as que coadunam com tal defesa.

No que tange à expressão *gado*, cristalizada nas interações mediadas on-line, imaginamos que ela pode ter sido pensada como uma analogia entre os adeptos ao uso da hidroxicloroquina e um

animal que segue cegamente aquele que o guia, tendo, por fim, sua vida ceifada no matadouro do boiadeiro. Em seguida, o termo *idiotas*, à linha 17, reforçou os insultos, a deslegitimação, a impolidez e, por conseguinte, a violência linguístico-discursiva, especialmente por serem as pessoas que seriam estimuladas no consumo de uma medicação que afeta a saúde cardiovascular e, na melhor das hipóteses, seria ineficaz (entre as linhas 17 e 19).

Como reação ao comentário anterior, o nono comentário agregou, à linha 20, um prolongamento vocálico (*Ahhhh*) e um xingamento resultante de sua impaciência (e descrença) diante da argumentação conduzida pelo @InteragenteB. O insulto marcou não só a perda de decoro em si, mas também a completa desvalorização e deslegitimação dos posicionamentos anteriores do @InteragenteB, especialmente ao exigir que ele *traga argumentos*, no sentido de que o comentário dele não desconstruiu a argumentação dela, tampouco o conteúdo publicado nos *links* que ela havia enviado. Após isso, a @InteragenteA demonstrou indignação com o rótulo *gado*, à linha 20, insinuando que o termo havia sido utilizado como estratégia para fuga do debate. Posteriormente, dirigiu-se ao @InteragenteB como *gado assumido sano, vocês que estando no caminho do abismo por pura birra!*, à linha 21, transferindo a irracionalidade para o grupo que resistiria ao tratamento precoce, por meio de estratégia de impolidez positiva (desqualificação do/a outro/a), de argumentos *ad hominem* (questionamento dos argumentos utilizados pelo @InteragenteB) e de argumentos *ad personam* (insultos/ataques dirigidos ao @InteragenteB). Ela minimizou o perigo das arritmias (entre as linhas 21 e 22), que, no oitavo comentário, foi mencionado como um dos efeitos adversos da medicação, e intensificou os insultos com o uso das expressões *burrice explícita* e *se enxerga idiota* (linha 23).

No décimo comentário, a @InteragenteA não foi impolida, mas violenta. Aliás, foi completamente desumana, ao sugerir que, sendo médica, agiria diferentemente com o/a paciente, utilizando um tratamento totalmente contra-indicado, para que o @InteragenteB fosse *de encontro* ao capeta mais rápido!! (entre as linhas 25 e 26), similarmente ao que, em sua visão, os camaradas comunistas do @InteragenteB teriam feito no Amazonas (entre as linhas 27 e 29), conforme podemos constatar no décimo primeiro comentário. A violência linguístico-discursiva, promovida por estratégias de impolidez positiva e, conseqüentemente, por argumentação erística, afetou instâncias éticas e morais, por ser uma atitude que poderia matar o @InteragenteB (embora, em tese, não fosse uma afirmação literal) e por julgar que ele, caso morresse, necessariamente iria para o inferno, cujo estigma

é de ser um lugar reservado a pessoas más. Em ambos os comentários (décimo e décimo primeiro), constatamos a emergência de lutas metadiscursivas que moldam, na interação em curso, metapragmáticas que transcendem a desvalorização e a deslegitimação, mas incitam um crime que – mesmo metaforicamente – poderia ser cometido contra alguém que não coaduna com os ideais da interagente.

A expressão *camaradas comunistas* (à linha 27) motivou no décimo segundo comentário uma reação explícita de surpresa, a partir da suposição de que quem se posicionasse contrariamente à prescrição da hidroxicloroquina pertenceria a esse grupo (se encaixaria nesse rótulo), reflexo de um cenário de polarização política instaurado no país. Ao dizer *tenho decência e bom senso de ver que ele tá sendo um imbecil*, entre as linhas 31 e 32, podemos perceber que o @InteragenteB não só valorizou a própria face, mas também, diante da polarização emergente na interação em curso, ofendeu a face da @InteragenteA, pois ela, por continuar defendendo as posições do atual presidente, não teria, em sua visão, a mesma decência e bom senso que ele. A esse ponto, avaliamos que a argumentação erística chega ao ápice, dado não ter havido qualquer vestígio de diálogo argumentativo quanto a (não) utilizar hidroxicloroquina.

No décimo terceiro comentário, a @InteragenteA buscou fomentar, em alinhamento com o que previu Walton (1998) acerca do diálogo erístico, um território de aparente pretensão de não promover o conflito, ao reconhecer o direito do @InteragenteB ao voto (linha 33), porém deslegitimando-o e fazendo com que outros/as internautas o avaliassem da mesma forma: raso, desinformado e digno de pena (linhas 34 e 35). Esse comentário foi congruente com toda a interação que aqui analisamos, na medida em que ficou notório o objetivo de ameaçar as faces positiva e negativa do/a outro/a, com raras estratégias de mitigação de impolidez. Pelo contrário, a impolidez se tornou gradativamente mais intensa, com exceção do comentário 1, em que a @InteragenteA dirigiu um pedido ao ministro. Concluimos, a esse respeito, que a impolidez marca tanto argumentação erística quanto metapragmáticas de violência linguístico-discursiva e, por esse motivo, ofusca o debate – diálogo argumentativo/persuasivo –, ao desviar o foco do assunto da discussão temática para o cenário de ofensas.

5 Considerações finais

No que tange às contribuições teórico-metodológicas, salientamos, inscrito/a na Sociolinguística Interacional em interface com a Pragmática, que (im)polidez e argumentação (erística) assumem entre si uma relação dialética, a qual não se instancia nem só no âmbito linguístico, tampouco no âmbito sociodiscursivo, mas no âmbito sociointeracional. Logo, é nas práticas socioculturais que a impolidez é, pelos/as interagentes, coconstruída, com base em seus propósitos interlocutivos (desvalorizar, deslegitimar, violentar...), os quais são reflexos de ideologias linguísticas, indexicalizam as ações languageiras e constroem metapragmáticas de violência linguístico-discursiva. A Netnografia, sob as lentes da pesquisa qualitativa, nos possibilita desvelar essa coconstrução e, mais ainda, nos perspectivar – intersubjetivamente – em relação aos dados – sempre provisoriamente – gerados.

No âmbito analítico, frisamos que as lutas metadiscursivas estabelecidas pela @InteragenteA (adepta ao tratamento precoce) e pelo @InteragenteB (contrário ao tratamento precoce) geraram metapragmáticas de desvalorização, de deslegitimação e de violência linguístico-discursiva. Tais metapragmáticas foram conduzidas por meio de estratégias de impolidez positiva e negativa que, em suma, serviram de mote para a construção de argumentos *ad hominem* e *ad personam*, que, para além de avaliar negativamente o/a outro/a, questionar sua legitimidade e atacar/insultar, tiveram função erística. Logo, a tessitura argumentativa foi, frequentemente, rompida com flutuações temáticas, insultos, xingamentos, envios de *links* e, até, violação ao direito à vida.

Indiscutivelmente, a impolidez e a argumentação erística adquiriram maior densidade à medida que a interação progredia, o que nos instiga a perspectivar, em outros contextos, que os temas polêmicos dificilmente articulam movimentos de acordo ou, ao menos, de respeito ao/à outro/a, mas de violência que pode, inclusive, alcançar instâncias além do on-line e perpetuar outras violências. Considerando-se o potencial dos perfis institucionais nas redes sociais, somos partidários de que sejam promovidas estratégias no ambiente virtual – talvez uma moderação em debates mais acalorados – que incentivem diálogos argumentativos/persuasivos, em vez de erísticos, a fim de privilegiar uma argumentação não ofensiva e minimizar, por conseguinte, interações agressivas,

sobretudo, em momentos em que a solidariedade, a busca por soluções em comum e a ciência deveriam ser máximas indispensáveis.

CRedit
Reconhecimentos: Não é aplicável.
Financiamento: Não é aplicável.
Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
Aprovação ética: Não é aplicável.
Contribuições dos autores: Conceitualização, Curadoria de dados, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Supervisão, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: ALBUQUERQUE, Rodrigo; SOUZA, Ana Luiza Nogueira.

Referências

- ALBUQUERQUE, R.; SEARA, I. R.; SANTOS, L. W.; TOMAZI, M. M. Argumentação e impolidez: o *post* nas instâncias da interação. (Con)Textos Linguísticos, v. 15, n. 31, p. 66-84, 2021.
- ANGROSINO, M. *Etnografia e Observação Participante*. Tradução de José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- AZEVEDO, I. C. M.; GONÇALVES-SEGUNDO, P. R.; PIRIS, E. L. Argumentação erística nas interações digitais: uma polêmica médica sobre a cloroquina no Debate 360 da CNN Brasil. *Rev. Estud. Ling.*, v. 29, n. 4, p. 2289-2333, 2021.
- BENJAMIN, J. Eristic, Dialectic, and Rhetoric. *Communication Quarterly*, v. 31, n. 1, p. 21-26, 1983.
- BLITVICH, P. G-C.; SIFIANOU, M. Im/politeness and discursive pragmatics. *Journal of Pragmatics*, v. 145, p. 91-101, 2019.
- BRANDÃO, L. V. M. *Uma análise sociodiscursiva do sufixo -inho em materiais didáticos: uma contribuição para a constituição de sentidos no ensino de português para estrangeiros*. 2010. 124f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CABRAL, A. L. T. Violência verbal e argumentação nas redes sociais: comentários no Facebook. *Calidoscópio*, v. 17, n. 3, 416-432, 2019.
- CASTILHO, A. T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

- CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Tradução coordenada por Ângela M. S. Correa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003.
- CULPEPER, J. Towards an anatomy of impoliteness. *Journal of Pragmatics*, v. 25, p. 349-67, 1996.
- CULPEPER, J. Politeness and impoliteness. In: AJIMER, K.; ANDERSEN, G. (Eds.). *Pragmatics of Society*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2011. p. 393-438.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *Collecting and interpreting qualitative materials*. 4th ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2013.
- EELLEN, G. *A Critique of Politeness Theories*. Manchester: St. Jerome, 2001.
- FIORIN, J. L. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.
- GOFFMAN, E. *Interaction Ritual: essays on face-to-face behavior*. UK: Penguin University Books, 1967.
- GRAHAM, S. L.; HARDAKER, C. (Im)politeness in Digital Communication. In: CULPEPER, J.; HAUGH, M.; KÁDÁR, D. Z. (Eds.). *The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness*. London: Palgrave Macmillan, 2017. p. 785-814
- GRAINGER, K. 'First order' and 'second order' politeness: Institutional and intercultural contexts. In: LINGUISTIC POLITENESS RESEARCH GROUP (Org.). *Discursive approaches to politeness*. Walter de Gruyter: Berlin/Boston, 2011. p. 167-188.
- HAUGH, M. The discursive challenge to politeness research: An interactional alternative. *Journal of Politeness Research*, v. 3, n. 2, p. 295-317, 2007.
- HAUGH, M.; CULPEPER, J. Integrative pragmatics and (im)politeness theory. In: ILIE, C.; NORRICK, N. R. (Eds.). *Pragmatics and its Interfaces*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 213-239.
- KÁDÁR, D. Z.; HAUGH, M. *Understanding Politeness*. UK: Cambridge University Press, 2013.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. ¿Es universal la cortesía? In: BRAVO, D.; BRIZ, A. (Eds.). *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel, 2004.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. Abordagem intercultural da polidez linguística: problemas teóricos e estudos de caso. In: CABRAL, A. L. T.; SEARA, I. R.; GUARANHA, M. F. (Orgs.). *Descortesía e cortesía: expressão de culturas*. São Paulo: Cortez, 2017.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016.
- KOZINETS, R. V. *Netnography: Doing ethnographic research online*. London: Sage Publications, 2010.
- KOZINETS, R. V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso, 2014.

KOZINETS, R. V. Netnography Today: A Call to Envelope, Embrace, Energize, and Electrify. In: KOZINETS, R. V.; GAMBETTI, R. (Eds.). *Netnography Unlimited: Understanding Technoculture Using Qualitative Social Media Research*. New York/London: Routledge, 2021.

LAKOFF, R. T. The logic of politeness; or, minding your p's and q's. In: CORUM, C. et al. (Eds.). *Papers from the Ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, p. 292-305, 1973.

LEECH, G. *Principles of Pragmatics*. London: Longman, 1983.

MASON, J. *Qualitative Researching*. 2nd ed. London, Thousand Oaks & New Delhi: SAGE, 2002.

MERRIAM, S. B.; TISDELL, E. J. *Qualitative Research: A Guide to Design and Implementation*. 4th ed. San Francisco: Jossey-Bass, 2016.

MILLS, S. *Gender and Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MOREIRA, V. L.; ROMÃO, L. M. S. O discurso no Twitter, efeitos de extermínio em rede. *Revista Rua*, v. 2, n. 17, p. 77-97, 2011.

MYERS, G. *The Discourse of Blogs and Wikis*. New York: Continuum Press, 2010.

PINTO, J. P. É só mimimi? Disputas metapragmáticas em espaços públicos online. *Interdisciplinar*, v. 31, p. 221-236, 2019.

PLANTIN, C. *La argumentación*. Tradução de Amparo Tusón Valls. Barcelona: Ariel, 1998 [1996].

PLANTIN, C. *A argumentação: história, teorias, perspectivas*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008.

PRIMO, A. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. *E-Compós*, v. 9, p. 1-21, 2007.

SANTANA, M. B.; SOUZA, C. G. B. Uso das redes sociais por órgãos públicos no Brasil e possibilidades de contribuição do monitoramento para gestão. *Revista Gestão.Org*, v. 15, p. 631-639, 2017.

SEARA, I. R. Ligações vertiginosas: violência verbal em 'comentários' nas redes sociais. *Calidoscópico*, v. 19, n. 3, p. 385-397, 2021.

SIGNORINI, I. Metapragmáticas da língua em uso: unidades e níveis de análise. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Situar a língua[gem]*. São Paulo: Parábola, 2008.

SILVERSTEIN, M. Language Structure and Linguistic Ideology. In: CLYNE, P. R.; HANKS, W. F.; HOFBAUER, C. L. (Org.). *The Elements: a parasession on linguistic units and levels*. Chicago: Chicago Linguistic Society, p. 193-247, 1979.

SILVERSTEIN, M.; URBAN, G. *Natural Histories of Discourse*. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

THOMPSON, J. B. A interação mediada na era digital. *Matriz*, v. 12, n. 13, p. 17-44, 2018.

TWITTER. *Ministério da Saúde*. 2020.

VILLEGAS, D. Political Netnography: A Method for Studying Power and Ideology in Social Media. *In*: KOZINETS, R. V.; GAMBETTI, R. (Eds.). *Netnography Unlimited: Understanding Technoculture Using Qualitative Social Media Research*. New York/London: Routledge, 2021.

WALTON, D. *The New Dialectic: Conversational Contexts of Argument*. Toronto: University of Toronto Press, 1998.

WATTS, R. J. *Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009 [2003].